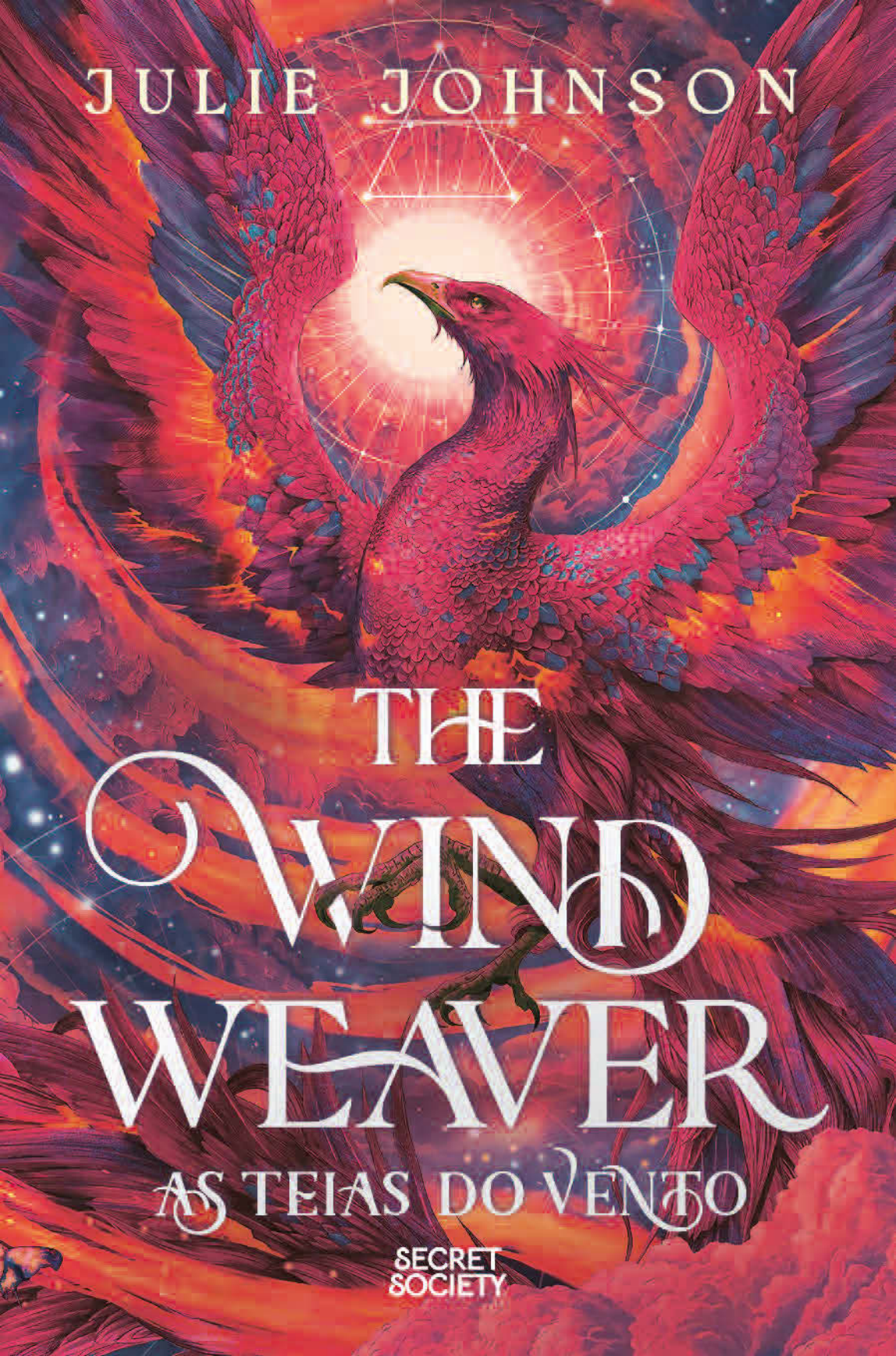




JULIE JOHNSON

THE
WIND
WEAVER
AS TEIAS DO VENTO

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Confinamento

Conteúdo sexual

Luto

Morte e perda

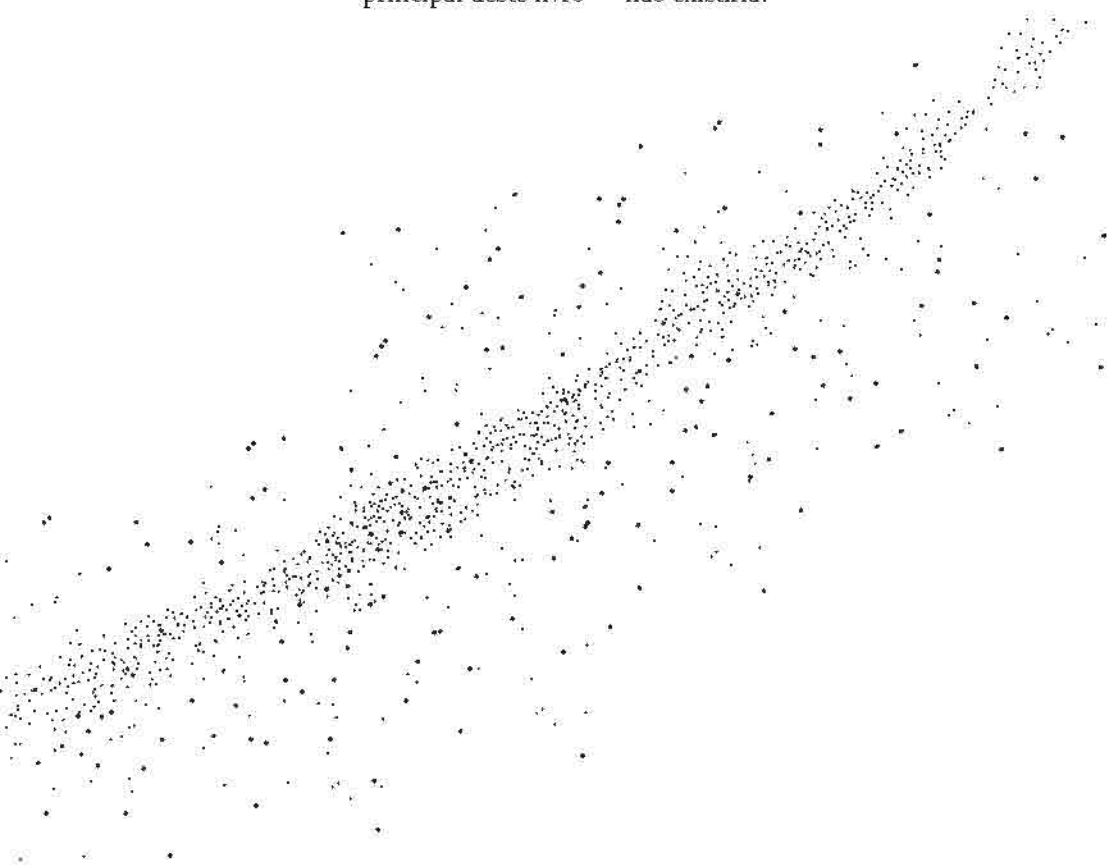
Rapto

Tortura

Trauma

Violência

Para Stevie Nicks, por escrever a canção *Rhiannon*.
Sem essa inspiração, Rhya Fleetwood — a personagem
principal deste livro — não existiria.



LEGENDA

PONTOS DE REFERÊNCIA

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| ❶ Blister Bight | ❷ Red Chasm |
| ❸ Floresta Forsaken | ❹ Bosque de Starlight |
| ❺ Ponte de Thawe | ❻ Estepes Shadow |
| ❼ Estreito de Avian | ❼ Soot Flats |
| ❽ O Vale | ❽ Deserto Husk |
| ❾ Pântano de Frogmyre | ❿ Planícies Howling |

CIDADES / ZONAS OCUPADAS

- | | |
|---------------------|-------------------|
| ❶ Porto de Windward | ❶ Forte de Acrine |
| ❷ Porto do Leeward | ❷ Hylios |
| ❸ Caeldera | ❸ Hollywell |
| ❹ Vintare | ❹ Bellmere |
| ❺ Coldcross | ❺ Symmetria Keep |

ANWYVN



PRÓLOGO



O EXTERMÍNIO CANTO DE REBELIÃO DE ANWYN

*A era dos mortais teve início
Quando para norte
Exércitos de ferro marcharam*

*Um reino de fadas em cinzas desfeito
Cujo sangue mágico
Derramaram*

Escutai!

*Um fim para os artifícios perversos
Que a terra dos reis
Corroam*

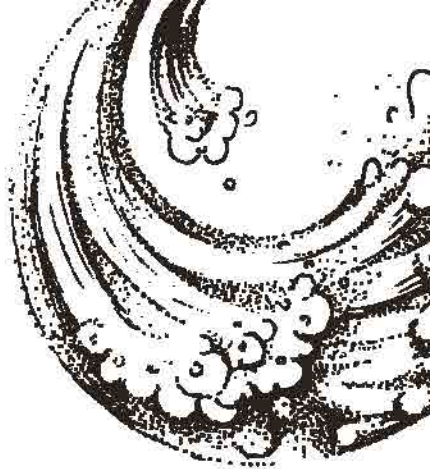
*Um adeus aos ventos malévolos
Que entre as árvores
Assobiam*

Escutai!

*O domínio do punho e da espada
O poder do homem
Incontestado*

*A caça aos mestiços faz-se agora
O seu sangue infeto
Erradicado*

CAPÍTULO UM



A corda fere-me, num colar de morte.
Sinto a minha pulsação — constante, em *staccato* — a martelar sob a pele frágil da garganta. Não tenho medo. Já não. Tive antes, com as mãos feridas e o rosnar dos cães de caça que me seguiam pelo pântano agreste. E dissipou-se com o sol, deslizando sobre o horizonte para a escuridão esmagadora.

Como é que o Eli costumava dizer?

O medo só significa que ainda tens algo a perder.

Agora, não me resta nada. Nada para além da minha vida, que não vale muito para ninguém.

Certamente não para os meus captores.

— É uma cabrinha manhosa, não é? — Uma voz rude ladra uma gargalhada algures à minha esquerda. — Precisámos de metade da nossa unidade para a apanhar. Uma dúzia de homens. Passámos três dias naquele lodo maldito com vespas e cobras e aranhas. Enfiados até aos joelhos em lama e musgo e toda a espécie de merda. Ela quase escapou à nossa rede quando ontem ficámos sem luz. — Um escarro aterra na minha bochecha. — *Escumalha feérica.*

Outra voz responde — esta é mais nova e ligeiramente hesitante. Talvez um novo recruta, ainda não desgastado por este jogo sangrento e interminável que os homens mortais parecem determinados a jogar.



— Ela é apenas... ela é tão nova.

— Não deixes que os teus olhos te enganem, rapaz. Truques de fadas, é o que isso é. Elas mascaram a sua verdadeira natureza com caras bonitas e sorrisos doces, tal e qual como uma flor venenosa. Diz-se que, nos velhos tempos, algumas fadas conseguiam lançar glamours que te faziam ver tudo o que elas quisessem. Faziam-te marchar de um penhasco abaixo, enquanto tu pensavas que saltitavas num campo de margaridas.

O soldado mais novo sustém a respiração audivelmente. O seu terror é palpável, mesmo através da minha venda.

— Não te preocupes, filho. Não se vê magia dessas nestas bandas há quase dois séculos. — A voz rude ri-se. — Aqueles que nós caçamos, como esta enfezada, são sobretudo mestiços. Resquícios de antes do Extermínio, quando as misturas de sangue não eram proibidas. Não são mais encantados do que tu ou eu.

Segue-se uma pausa considerável. Uma gruta de silêncio que se abre com força entre os dois homens.

— Claro que isso não os torna indefesos — prossegue o soldado mais velho, quase defensivamente. — Se ela tivesse a menor hipótese, esventrava-nos durante o sono. Nunca duvides disso.

— Como é que finalmente a apanharam?

— Fizemo-la correr junto a Red Chasm. O minério naquelas rochas é suficiente para os confundir. Tolda-lhes o sentido de orientação, baralha-lhes a mente. — Expira ruidosamente. — Nenhum inimigo é invencível: nem mesmo o raio de uma *pontuda*.

Reteso-me com o insulto e as cordas apertam-me mais o peito, apesar das minhas tentativas para me manter quieta. *Pontuda*. Os soldados que me fizeram prisioneira usam o insulto com frequência, sibilando-o para mim entre dentes no render da guarda, atirando-o casualmente nas conversas à volta da fogueira do acampamento. Como se reduzir toda uma raça ao nosso traço



físico mais perceptível — uma orelha pontiaguda — tornasse a sua brutalidade mais fácil de suportar. Sempre que o ouço, algo dentro de mim rosna numa raiva silenciosa. Uma fera domada, a ansiar por uma retaliação que nunca terei.

Deuses dos céus, concedam-me vingança na próxima vida.

— Na verdade, nã' é tão difícil matá-los. Só é preciso encontrar a arma certa — gaba-se o soldado mais velho, a transbordar sabedoria. — O ferro é melhor, claro. Mas a verdade divina é que se os espetares com qualquer coisa afiada, o trabalho 'tá feito. Os pontudos sangram, tal como qualquer outro animal da floresta. O teu pai nã' te levou a caçar, filho? Nunca estripaste uma corça?

— Não... eu... Nós... — O jovem soldado muda o peso de um pé para o outro, com as botas a esmagarem folhas mortas. — Nós somos camponeses.

— Camponeses?

— Sim, senhor. Arrendamos um feudo junto à costa. Bagas de gelo, sobretudo.

O soldado mais velho troça.

— Olha, aviso-te que vais precisar de gelo nas tuas bagas para este destacamento. É frio como a porra, tão perto das Cimmerians.

Por trás da minha venda, imagino a cena. Um acampamento de soldados fustigados pelo mau tempo, há semanas na estrada. Uma fogueira crepitante para manter o frio — e os lobos — ao longe. Um jantar simples a assar sobre o carvão.

O vento traz até mim o cheiro a carne e o meu estômago ronca uma resposta desdenhosa. Lebre, muito provavelmente, ou talvez um bezerro. Talvez um javali, se algum deles possuir destreza com um arco, pois certamente haverá caçadores entre eles. Homens capazes de capturar uma presa para além de mim e dos da minha raça. Embora se nós fôssemos comestíveis, talvez eles também nos comessem.



Tem sido um inverno implacável.

Pergunto-me a que reino eles pertencem, a qual dos reis em guerra juraram fidelidade. Talvez precisamente ao mesmo que enviou os seus exércitos para Seahaven e pegou fogo ao bosque de Starlight — bem como à única casa que eu conheci.

Uma mão puxa as grilhetas à volta dos meus pulsos em carne viva. Ouço o assobio um instante antes de a dor me trespassar. O cheiro a pele chamuscada chega-me às narinas.

É a minha própria carne, a queimar.

Preciso de todo o meu autocontrolo para não gritar — mas não darei essa satisfação a estes soldados. Respirando profundamente, pressiono a espinha com mais força contra o tronco da árvore à qual estou presa, tentando não perder os sentidos.

Deuses dos céus, como dói.

— Vês como a pele dela faz bolhas? — pergunta o soldado mais velho. — Pensarias que lhe tinha encostado um pau em chamas!

— S-sim — gagueja o jovem. — Estou a ver.

Os ferros provocam uma onda interminável de agonia que nunca esmorece — nem agora, depois de os meus pulsos estarem praticamente reduzidos a ossos e tendão. Cada vez que as minhas correntes se mexem, lançam uma nova vaga de angústia.

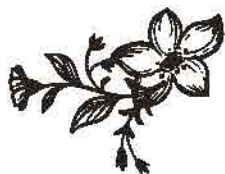
— Quando... — O jovem recruta aclara a garganta. — Quando é que eles...

— A vão pendurar? Já não falta muito. O Comandante Scythe chegará antes da meia-noite. O Capitão diz que não lhe podemos tocar até ele autorizar.

— Porquê?

— Suponho que ele goste de garantir que eles estão mesmo mortos. Pontapear as cinzas para ter a certeza de que nada se mexe. Parece-me excessivo, mas são as ordens do Rei Eld, por isso, faço o que me mandam. Enforco-os e queimo-os. — Ouve-se





o som de uma rolha a ser retirada. Uma garganta a tentar engolir os conteúdos de um cantil. Uma respiração calmante. — O povo costuma ser um nadinha supersticioso no que toca a execuções de fadas. Já verás, meu rapaz.

— Certo... — O jovem não parece convencido. — Quando me alistei, não pensei que andaríamos a caçar mestiços. Não sabia que tinha sobrado algum.

— Não há muitos, atualmente. 'Specialmente tão cá em cima nas Midlands. Os povos do Sul têm... práticas diferentes. Devias dar graças aos céus por não estares destacado na fronteira de Reaches. Pelo que ouvi, é difícil de aguentar. E eu não ouvi muita coisa.

Sinto um baque no coração. Não fui poupada aos boatos do que acontece aos mestiços nas Southlands. Não completamente. O Eli deu-me um breve vislumbre dessas trevas numa noite, depois de uns goles de whiskey.

Eles poderão não te matar de imediato, Rhya, mas as coisas que te farão vão levar-te a desejar que o tivessem feito...

Forço os meus pensamentos a sair desse caminho sombrio. Não leva a nada de bom.

— Filho, só tens de manter a cabeça baixa, as mãos firmes e as perguntas para ti próprio. E vai correr bem. É um trabalho como outro qualquer; seja o que for que esta gentalha te diga. — A voz do homem mais velho fica mais baixa. — Juro que as calças de alguns homens ficam rijas com a visão das fadas a contorcerem-se na ponta da corda. É um tipo diferente de sede de sangue, compreendes?

— Isso é sórdido!

— Sim. Não deixa de ser verdade por causa disso. — Ele dá outro trago longo do seu cantil. — Há muito tempo, quando eu não passava de um macho jovem, como tu, os pontudos eram um pouco mais comuns nestas bandas. Um dia, a minha unidade deu com toda uma família, escondida nas grutas atrás de uma cascata. Tinham a pele esverdeada e o cabelo como a erva de rio...



Pele esverdeada?

Cabelo como a erva de rio?

Onde é que eles vão buscar estas histórias ridículas? Às cantigas de embalar? Além das orelhas, os mestiços são praticamente indistinguíveis dos humanos. Mas realmente... suponho que seja mais fácil justificar matar um monstro mitológico do que um ser vivo. Uma coisa, não alguém.

A voz do soldado transforma-se quase num sussurro.

— Já tínhamos perdido tantos no estreito de Avian. Foi a batalha mais sangrenta em cem anos. E os homens do Soren não paravam de investir. Obrigavam-nos a recuar sem parar. O moral estava em baixo. O nosso exército... Nós precisávamos de uma vitória. Por isso, quando aquelas fadas apareceram no nosso caminho...

Um arrepio de mau agouro percorre-me, apesar da agonia que faz arder os meus pulsos. Fecho os olhos atrás da venda, desejando poder fechar os meus ouvidos com a mesma facilidade. Não quero ouvir a descrição do massacre de uma família inocente. Não consigo suportar os pormenores de uma mãe, de um pai e dos seus filhos dilacerados por soldados transtornados pela batalha. Não quando a minha própria morte iminente pressiona tão intensamente a minha traqueia.

Uma bota raspa a terra e o homem tosse.

— Posso dizer com certeza que as coisas que vi naquele dia... bem, são o tipo de cena que não se esquece. Nem passados dez anos.

Faz-se outro instante de silêncio. O homem mais novo não diz nada, talvez num silêncio chocado devido à imagem macabra que o seu companheiro pintou. Não sou suficientemente tola para pensar que as reticências dele se devem a compaixão por mim. É mais provável que ele esteja apenas a fazer aquilo que lhe disseram: guardar as suas opiniões para si.

Dará um bom soldado.



O silêncio é quebrado pelo baque de uma mão a bater contra um ombro.

— Estás branco como um fantasma, filho. Vai buscar um pouco de carne de veado antes que desapareça tudo. E traz-me um bocado, sim? Eu fico a vigiar a prisioneira.

Ouve-se o som de passos a afastar-se, a seguir o suspiro de um corpo a encostar-se contra uma árvore. De longe, vem o murmúrio de conversas — outros soldados, que devoram o jantar à volta da fogueira. Passado um momento, distingo o estalido ténue de uma faca contra um pedaço de madeira. Permito-me tentar imaginar o que o meu guarda estará a talhar.

Uma imagem de seja qual for o deus que ele venera? Uma lembrança para a mulher que ele deixou para trás, na terra a que chama casa? Um brinquedo para a sua filha pequena brincar quando ele finalmente regressar da conquista?

Dez anos, disse ele. Dez anos de batalhas. Dez anos como soldado. Dez anos a sangrar e lutar e matar.

Certamente que existe uma vida fora de tudo isto. Certamente que este homem tem uma família que espera por ele algures. Irá contar-lhes sobre a rapariga feérica que ele chacinou para os manter a salvo? Irá regalá-los com pormenores do rosto sarapintado e da língua pendurada da criatura monstruosa pendurada pelo pescoço nos ramos de árvores, numa máscara grotesca à luz de uma tocha?

O herói valente que matou o monstro.

Hurra!

Depois da forma como ele falou com o seu jovem companheiro, não me parece. Ele não retirará prazer da sua tarefa — mas cumpri-la-á na mesma, obedecendo às ordens do seu capitão sem as questionar.

Os ramos rangem por cima de mim, num tinido de morte.

Fico contente por tencionarem matar-me de noite, sob as estrelas. Seria de algum modo pior morrer com o sol a brilhar lá



em cima e uma ligeira brisa a agitar a vegetação aos meus pés. As sombras pintam uma cena final mais apropriada para um pescoço partido.

O último sopro de Rhya Fleetwood.

A protegida do famoso Eli Fleetwood.

Órfã.

Fada.

Mestiça.

Fugitiva.

Pontuda.

Num certo sentido, será um alívio. Descansar finalmente depois de todos estes meses em fuga. Desde que executaram o Eli, desde que incendiaram o bosque de Starlight e reduziram a cinzas a nossa casinha, já não me resta nenhum refúgio nesta terra. Não há braços fortes e protetores para onde correr quando o meu cabelo fica preso nas silvas ou quando torço o tornozelo numa pedra no leito do rio. Não há uma cama quente onde me aninhar no fim de um dia fresco de outono.

Não faço ideia de onde estou. Antes de eles me perseguirem, estava perdida há semanas, a vaguear em busca de um conforto que já não existe, sobrevivendo à base de cogumelos borrachosos escavados da terra compacta e truta fria pescada em riachos gélidos. Quando dei com uma aldeia, há cinco dias, a tentação do cheiro de pão acabado de fazer pousado sobre um peitoril de pedra foi demasiado grande para ignorar.

Poderia amaldiçoar a minha própria estupidez. Sei o que o Eli diria se estivesse aqui. *O coração amolece-te. O estômago enfraquece-te. Ignora os seus impulsos passageiros. É à tua mente que tens de prestar atenção.*

Mas num momento de fraqueza abandonei os seus ensinamentos. A fome torturante tornou-me descuidada, atordoou a nitidez dos meus sentidos para além do racional. Sou rápida



por natureza, mas naquele dia não fui suficientemente rápida. Enquanto me lançava da linha de árvores para a casa delapidada na orla da floresta, não ouvi o estalido do tacão de uma bota no chão de pedra no interior, nem o encaixar de uma flecha num arco, até esta silvar um murmúrio acima da minha cabeça. E nessa altura já era tarde.

Demasiado tarde.

A partir desse momento, a vida tornou-se um voo precipitado. Correr até a respiração se extinguir dos meus pulmões, até a força se esvair dos meus ossos, até os meus pés descalços deixarem um rasto de pegadas sangrentas tanto nas rochas como nos leitos dos rios. Eles vieram no meu encalço — primeiro os próprios aldeões, mais tarde os soldados que eles chamaram. Através da floresta, de um campo e, por fim, de um terreno pantanoso. Quase os despistei naquele lamaçal que zunia e arrotava, onde o ar era tão espesso como xarope e nuvens de insetos enegreciam o sol do meio-dia.

Quase.

Não tinha forma de saber que estava a ser guiada para uma ravina profunda. Red Chasm, como lhe chamam os soldados, devido à cor ferrugenta das suas profundezas escarpadas. Pois aí a pedra está repleta de depósitos de ferro. Suficientemente cheia para me deixar esgotada num dia bom — e aquele não era um dia bom.

Senti o minério sugar a minha força a cada passo que trazia os homens para mais perto de mim. As minhas pernas cederam, ameaçando ruir por baixo de mim. Mesmo que isso não tivesse acontecido, não havia para onde fugir depois de chegar à beira do penhasco. A menos que tivesse vontade de me lançar para o abismo, mergulhando para a minha morte no vazio.

Olhando para trás, atada a uma árvore com o aperto dos grilhões que queimam nos meus pulsos, um nó apertado à volta do pescoço e uma pira no meu futuro imediato... talvez tivesse



preferido uma queda abrupta. Pelo menos assim, morreria às minhas próprias mãos. Por uma escolha minha.

A minha última escolha.

Deuses, estou cansada. O nó de força é tão pesado que já não consigo manter a cabeça direita. Deixo-me cair sem energia contra as cordas que me atam, contente pelo facto de o Eli não estar aqui para me ver. Ele educou-me para lutar. Para ser destemida. Com uma vontade firme, uma mente forte e um coração são.

Falhei perante ele.

Falhei perante mim mesma.

Este pensamento dá-me vontade de chorar, mas já não me restam forças para as lágrimas. Não me lembro da última vez que comi qualquer coisa, que bebi um gole de água. A minha língua está seca como areia e a memória de uma refeição quente é tão longínqua como a terra em que fui capturada.

Tento focar-me através da dor e da exaustão que deformam o meu corpo.

O que disse o soldado?

Rei Eld.

O estreito de Avian.

Foi a batalha mais sangrenta em cem anos.

Na minha mente toldada pela dor, existe um mapa, repleto de reinos. Terras feudais em constante mudança com reis de papel em constante mudança. *Reis de papel*. É como o Eli lhes chama — lhes chamava. A sua soberania não é um direito divino, mas é autoproclamada por tinta e pena; o domínio dos seus títulos é tão fino como o pergaminho em que foram escritos à pressa, sendo um soberano facilmente riscado e trocado por outro.

Nem vale a pena memorizar, resmungara o Eli uma vez, com as suas mãos engelhadas abertas sobre a sua vasta coleção de mapas desenrolados. *As malditas fronteiras mudam a cada grande batalha...*



Eu estudei aqueles mapas cem vezes, mas neste momento as minhas memórias são finas como teias de aranha e é impossível focar-me nelas. Reinos, fraturados como pedaços de um escudo destróçado, ruem antes de conseguir voltar a remendá-los.

Carvage.

Eastwood.

Lordale.

Nythia.

Dymmeria.

Reaches.

Os nomes ficam turvos, as letras de tinta esborratadas. Indecifráveis. Em última análise, insignificantes. O meu espírito regressará aos céus seja onde for que o meu corpo arda. Não é um grande consolo, mas apego-me a isso de qualquer modo.

Estou longe de casa, isso sei. Para onde quer que me tenham trazido, é uma terra estéril. Não apenas fria — desprovida de vida. Não consigo sentir o pulsar do poder através do chão sob os meus pés, nem ouvir murmúrios antigos neste pomar de árvores meio-mortas. E mesmo que conseguisse... estou tão fraca depois de dias de uma luta frenética — cães de caça a morderem os meus calcanhares, flechas a passarem sobre a minha cabeça, tochas a encurralarem-me como a uma criatura selvagem — que duvido de que me servisse para alguma coisa.

A luz do sol não consegue reparar uma flor à beira da morte.

De qualquer modo, não tem importância, digo a mim mesma, encostando-me com mais força contra a árvore do meu enforcamento. A lâmina do guarda a entalhar o seu pedaço de madeira é um metrónomo constante, que conta os segundos até à minha execução. Já nada mais importa, Rhya. Quando a manhã chegar, serás um monte de cinzas.



O DESTINO É UMA TEMPESTADE. MAS ELA TAMBÉM.



Rhya é uma Remanescente, uma das quatro almas espalhadas por Anwyvn, destinada a restaurar o equilíbrio da magia... ou morrer a tentar.

Condenada à morte, a sua execução é interrompida por um salvador inesperado: o misterioso Comandante Scythe.

Dominar o poder dentro dela é apenas o princípio. O desejo pelo Comandante arde tão ferozmente como as tempestades que emergem dentro de si.

Rhya tem de escolher: abafar as chamas...
ou deixar que elas a consumam.



REINO DOS REMANESCENTES: LIVRO 1



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-583-321-4



9 789895 833214